

# **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?**

**Leriana Figueiredo**

Doutora em Sociologia e Direito – PPGSD/UFF

[Leriana.figueiredo@gmail.com](mailto:Leriana.figueiredo@gmail.com)

**Rafael Oliveira**

Professor de Sociologia e Doutorando em Política Social e Trabalho - PPGSS/UERJ

[Rafaeloliveira.edu@gmail.com](mailto:Rafaeloliveira.edu@gmail.com)

**Simone Ramos de Queiroz Silva**

Mestranda em Políticas Públicas e Direitos Humanos PPDH/NEPP/ UFRJ

[simone.ramosdequeiroz@gmail.com](mailto:simone.ramosdequeiroz@gmail.com)

## **Resumo**

O presente texto busca refletir criticamente a conjuntura pandêmica à luz da centralidade do trabalho. Assumindo a noção de crise como uma estrutura sistêmica à forma econômica capitalista, pretende-se argumentar que a emergência sanitária global causada pela COVID-19 manifesta a sociabilidade do valor e diferentes modalidades do que poderia ser descrito criticamente como uma centralidade do trabalho.

**Palavras-Chave:** Trabalho; Pandemia; Crise

## **Introdução**

O artigo reivindica uma interpretação crítica da atual conjuntura brasileira. Apoiada na leitura marxista de Alysson Mascaro e Ricardo Antunes para pensar em termos estruturais a noção de crise no capitalismo, essa crítica considera a vida nacional do ponto de vista de sua integração à ordem internacional. Nesse plano de considerações, julgamos teoricamente oportuna a emergência sanitária, cujo drama abrange o mesmo espaço socialmente constituído por formas capitalistas. Sem prejuízo à devida solidariedade que o tema implica, sugerimos que as relações sociais tipicamente capitalistas permitem esclarecer num só gesto de observação, descrição e

FIGUEIREDO, Leriana; SILVA, Simone Ramos de Queiroz; OLIVEIRA, Rafael. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?** METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

análise a maneira como a pandemia de COVID-19 conforma o assim chamado mundo do trabalho<sup>1</sup>.

Assinalando que as coordenadas críticas dessa leitura marxista da vida nacional serão sustentadas para refletir a condição de vulnerabilidade social do que foi consagrado pelo senso comum como “minorias”, apelaremos aos comentários de Wendy Brown sobre o modo como o neoliberalismo informa uma agenda regressiva às lutas sociais por equidade e justiça social. Simultânea à circunstância pandêmica, a reversão desse horizonte de expectativas será especialmente abordada nesse artigo no que se refere à condição das mulheres. Numa palavra, a ascensão do neoliberalismo como cultura política de nossa época associada aos efeitos socioeconômicos do vírus em nosso cotidiano revela vínculos de base da moderna sociedade capitalista com a dominação patriarcal de gênero.

## **Desenvolvimento**

Às finalidades do artigo, deve-se sublinhar o modo como a noção de centralidade do trabalho ilumina nossos argumentos: menos que uma afirmação do trabalho como o cerne da sociabilidade humana, serve à reflexão crítica da moderna sociedade capitalista. Assumimos a chave marxista de análise da centralidade do trabalho não para postular esta esfera da atividade humana como o lócus do sentido de toda sociabilidade, mas como um ângulo privilegiado à análise do mundo contemporâneo, particularmente na atualidade. Portanto, afirmarmos o trabalho para fins de análise, não de apologia.

Esta posição está especialmente baseada na proposta de reinterpretação categorial da teoria crítica de Marx sustentada por Moishe Postone (2013). Não sendo o caso de apresentá-la em seu conjunto ou comentá-la em seus detalhes, basta-nos aludir aos seus aspectos mais decisivos para o argumento a ser desenvolvido neste texto.

---

<sup>1</sup> Especialmente associada aos estudos do Eric Hobsbawm sobre a história social e política do século XX, expressão consagrada na tradição marxista para designar as formas de organização da classe trabalhadora e seu antagonismo de interesses ante à classe capitalista.

Convêm destacar a crítica do autor ao que denomina como “marxismo tradicional”, cujo traço característico envolve uma concepção ontológica de trabalho – concepção transistórica de trabalho subjacente à maneira como a dominação social no capitalismo é concebida pela tradição marxista, uma vez que hipostasia o trabalho como o sentido das práticas e atividades dos sujeitos. Partindo de uma reinterpretação das categorias da crítica de Marx à economia política, Postone sugere que a teoria marxiana revela o caráter historicamente específico do trabalho na sociedade moderna. Numa palavra, como o futuro não se pode predicar, visto desde a teoria social crítica marxiana, o trabalho é esfera ou atividade que cumpre uma função social à interdependência das pessoas apenas no capitalismo.

Pressupondo a dissolução das relações sociais de tipo tradicional à emergência de formas sociais modernas, condição sobre a qual são socialmente constituídas as bases de uma singularidade individual, Postone procura evidenciar que a teoria crítica de Marx implica uma abordagem da centralidade do trabalho profundamente divergente daquela afirmada pelos marxistas. A tentativa do autor em reconstruir essa teoria crítica, para além da leitura consagrada pelo marxismo tradicional que objeta, argumenta a centralidade do trabalho para descrever elementos estruturais às relações sociais tipicamente capitalistas e, portanto, característicos à modernidade. Uma vez que os vínculos sociais não são mais fundamentalmente constituídos num plano de dependência pessoal entre os indivíduos, a independência destes entre si é estruturada pelo papel *socialmente mediador* exercido pelo trabalho entre as pessoas nesta sociedade – a nosso ver, para fins de uma teoria social crítica da vida moderna, a abordagem postoneana merece destaque por sustentar em nível conceitual uma distinção fundamental entre a sociedade (formada e realizada por pessoas) e as pessoas (formadas e realizadas através da sociedade) ao sublinhar categorialmente a noção de mediação social como uma *estrutura* de articulação.

Para concluir o destaque inicial sobre o lugar conceitual do trabalho na presente discussão que propomos acerca da condição das mulheres na atual conjuntura pandêmica à luz da noção de crise no capitalismo, pensamos ser útil concluir aludindo à Marx:

FIGUEIREDO, LERIANA; SILVA, SIMONE RAMOS DE QUEIROZ; OLIVEIRA, RAFAEL. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?** METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

A dependência recíproca e multilateral dos indivíduos mutuamente indiferentes forma sua conexão social. Essa conexão social é expressa no valor de troca, e somente nele a atividade própria ou o produto de cada indivíduo devêm uma atividade ou produto para si; o indivíduo tem de produzir um produtor universal – o valor de troca, ou este último por si isolado, individualmente, dinheiro (2011, p.105)

Ainda que conceitualmente divergente das coordenadas sinalizadas anteriormente, julgamos produtivo seguir considerações acerca do trabalho e da classe trabalhadora no mundo contemporâneo a partir de Ricardo Antunes (2010). Referido ao tratamento analítico que nos interessa, sua observação fornece importantes elementos para enriquecer em nível descritivo o problema que buscamos refletir. Argumentando como metamorfoses da centralidade do trabalho, o autor destaca como a década de 1980 introduziu importantes transformações no mundo do trabalho, não apenas num plano econômico, mas também político e cultural em termos de *formas de mobilização e representação social*. Sinalizando o progresso tecnológico à serviço da automação, da robótica e da microeletrônica para indústria, pondera-se como as formas de organização do trabalho pelo capital foram desconstituídas por novos sistemas de emprego à força de trabalho. O processo de reestruturação do modo de produção capitalista que Antunes reflete é indicado como expressão de novos padrões de produtividade, cuja característica envolve uma espécie de “flexibilização”. Entre outros aspectos, o caráter crescentemente flexível da produção, possibilitada pelo progresso científico tecnologicamente aplicado ao mundo do trabalho, revela sua abrangência tanto por englobar o conjunto dos trabalhadores quanto por ampliar a esfera do trabalho para *além dos seus limites classicamente reconhecidos*.

Considerando seus efeitos sobre o trabalho organizado, a tendência ao desemprego se torna uma estrutura de base na relação do trabalho com o capital. Evidenciando uma forma de crise do trabalho no capitalismo, uma vez que as condições para o crescimento econômico discutidas por Antunes não mais incluem a incorporação de trabalhadores, mas da realização em nível tecnológico e industrial de saberes e capacidades humanas de trabalho. A seu ver, nos países de capitalismo avançado, configura-se uma dinâmica de “desproletarização do trabalho industrial” (2010, p.47). Porém, simultaneamente, o trabalho assalariado como condição de sobrevivência e de

FIGUEIREDO, LERIANA; SILVA, SIMONE RAMOS DE QUEIROZ; OLIVEIRA, RAFAEL. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

manutenção social é expandido. De modo que o desemprego estrutural sistemicamente arranjado às economias nacionais constitui um processo de desmanche dos postos de trabalho, mas também uma espécie de atualização ampliada (e precarizada) do assim chamado do mundo trabalho. Mais precisamente, o autor assinala que a regressão em termos de população do conjunto do operariado tradicional não eliminou o sentido sociológico da expressão “mundo do trabalho” à medida que contingentes de indivíduos permanecem assegurando socialmente sua existência pessoal por meio do trabalho assalariado.

Nessas circunstâncias, especialmente incrementadas pelas políticas de ajuste e de reforma do *welfare state* orientadas pela agenda econômica de matriz neoliberal, compreende-se o desemprego estrutural como a plataforma sobre a qual o trabalho conserva grupos sociais de natureza de classe a partir da condição assalariada. Considerado como processo, a reconfiguração da classe trabalhadora enquanto agrupamento social de indivíduos entregues à condição de assalariamento incorpora aspectos que exigem recursos de observação, descrição e análise capazes de flagrar sua nova composição. Esta classe trabalhadora, que pode ser afirmada como a mesma de sempre, torna-se cada vez mais heterogênea em relação à sua feição usual a partir do ingresso de mulheres no sistema de trabalho fundamentalmente capitalista – isto é, motivado pelo assalariamento, baseado na pauperização econômica.

Destacando como precarização estrutural do trabalho incide sobre a condição assalariada dos indivíduos, Antunes ressalta uma ambivalência para afirmar a importância sociológica da noção marxista de classe trabalhadora. Discorrendo sobre como é trivial observar profundas transformações no perfil das pessoas arregimentadas pelo capital para venderem sua força de trabalho, Antunes afirma:

Há, então, um movimento pendular que caracteriza a classe trabalhadora: por um lado, cada vez menos homens e mulheres trabalham muito, em ritmo e intensidade que se assemelham à fase pretérita do capitalismo, na gênese da Revolução Industrial, configurando uma redução do trabalho estável, herança da fase industrial que conformou o capitalismo do século XX (...) No outro lado do pêndulo, cada vez mais homens e mulheres encontram menos trabalho, esparramando-se pelo mundo em busca de qualquer labor, configurando uma crescente tendência de precarização do trabalho em escala global, que vai dos EUA ao Japão, da Alemanha ao México, da Inglaterra ao

FIGUEIREDO, Liriana; SILVA, Simone Ramos de Queiroz; OLIVEIRA, Rafael. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?** METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Brasil, sendo que a ampliação do desemprego estrutural e sua manifestação mais virulenta (2010, p.103-104)

Feito o destaque inicial acerca do lugar da noção de centralidade do trabalho no plano geral deste texto, apesar do sentido ulterior da categoria trabalho reivindicada pelo marxismo de Antunes, suas teses acerca do mundo trabalho parecem produtivas à nossa discussão. Ainda que a nova morfologia do mundo do trabalho que afirma nos parece inadvertida por tornar um fundamento ontológico da vida social em geral a centralidade do trabalho constituída na modernidade, acreditamos ser esclarecedora a ideia teórica de uma classe trabalhadora no sentido ampliado. Tanto menos a noção de classe estiver restringida ao imaginário marxista tradicional de classe social, essencialmente concebida nos limites de uma etapa histórica de desenvolvimento do capitalismo que, numa palavra, desapareceu, mais teoricamente adequada pode vir a ser a contribuição marxista a respeito do mundo contemporâneo, seus impasses e dilemas.

Mais expressivamente, para além da ênfase do autor sobre a ideia marxista de propriedade privada dos meios de produção e como ela foi complexificada o “mapeamento” da divisão de classe entre burgueses e trabalhadores desde a década de 1980, sua compreensão a respeito da significância teórica do gênero para qualificar uma análise contemporânea do mundo do trabalho. Aludindo à maneira como o capital promove em diferentes países o que chama de “feminização do trabalho”, Antunes procura destacar como a participação das mulheres nos regimes de trabalho não sinaliza univocamente uma espécie de progresso civilizatório no que se concerne à forma com que a desigualdade social entre homens e mulheres têm sido derrotada, ainda que seja possível aludir à capacidade de organização das diferentes manifestações e gerações do movimento feminista global<sup>2</sup> - vale dizer, o atual debate acerca das diferentes expressões e momentos do feminismo enquanto uma luta política e uma luta epistemológica consolidaram a percepção de que, até o momento, a humanidade testemunhou “três ondas feministas”: entre o final do século XIX e o começo do XX, particularmente concentrada às questões dos direitos civis das mulheres; a segunda emerge a partir da década de 1950, e se prolonga até meados dos anos de 1990, na qual

---

FIGUEIREDO, Liriana; SILVA, Simone Ramos de Queiroz; OLIVEIRA, Rafael. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

a ideia de uma dominação masculina se afirma teórica e politicamente à militância feminista; e uma terceira onda, especialmente marcada pelo contexto da dissolução da União Soviética e das ditaduras militares no Cone Sul, e por uma crítica ao imperialismo cultural norte-americano, cujo destaque é a ênfase sobre a ideia de interseccionalidade (FRANCHINI, 2017).

No Reino Unido, por exemplo, o contingente feminino superou, desde 1998, o contingente masculino na composição da força de trabalho. Sabe-se que essa nova divisão sexual do trabalho tem, entretanto, significado fortemente desigual, quando se comparam os salários e os direitos e condições de trabalho em geral (...) E, ainda mais, através da duplicidade do ato laborativo, a mulher trabalhadora é duplamente explorada pelo capital, tanto no espaço produtivo como no reprodutivo. Além de atuar crescentemente no espaço público, fabril e de serviços, ela realiza centralmente as tarefas próprias do trabalho doméstico, garantindo a esfera da reprodução societal, esfera do trabalho não-diretamente mercantil, mas indispensável para a reprodução do sistema de metabolismo social do capital (2010, p. 119)

Aproveitamos um recorte da contribuição sociológica de Antunes acerca da problemática do trabalho, reconhecendo sua natureza marxista para assinalar seus limites e possibilidades de análise. Tendo em conta esta abordagem, seguiremos com o autor para ler a conjuntura atual, profundamente marcada pela pandemia de COVID-19. Em *Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado* (2020), Antunes integra sua leitura sobre o mundo do trabalho à circunstância internacionalmente vivida por todas as pessoas na Terra. Por óbvio, o modo como interpreta o advento de um vírus global atuando sobre cada sociedade nacional está contido pela maneira como o autor concebe as especificidades e particularidades da época burguesa. Por esta razão, Antunes inicia por considerar o modo como a crise econômica e emergência pandêmica de COVID-19 conectam-se e articulam a vida de homens e mulheres entregues à condição assalariada.

Suas considerações sobre os efeitos socioeconômicos do coronavírus junto à classe trabalhadora partem de um cenário brasileiro. Ponderações acerca da histórica condição periférica da economia brasileira e sobre como a exploração da força de trabalho no território nacional é perversamente espoliada para “viabilizar” a integração do país ao sistema internacional são realizadas para destacar como o potencial desaparecimento da raça humana não guarda maiores contradições com a forma de vida social vigente sob o capitalismo. Sua intenção ao estabelecer em tais termos a possível

FIGUEIREDO, LERIANA; SILVA, SIMONE RAMOS DE QUEIROZ; OLIVEIRA, RAFAEL. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?** METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

associação entre a conjuntura socioeconômica e a emergência pandêmica, é buscar refletir em que medida a terrível situação atual provocada pela COVID-19 difere do cotidiano ordinário capitalista.

Para Antunes, é preciso destacar que o colapso sanitário dos sistemas de saúde motivado pela emergência pandêmica abrange *os mesmos limites socioeconômicos da subalternidade de classe de homens e mulheres que vendem sua força de trabalho para sobreviver*. Indicando como este drama atinge sociedades centrais, o autor alude aos nossos “tristes trópicos” para ressaltar como o vírus e o valor são expressões comuns à sociabilidade capitalista. Para argumentar seu ponto de vista, Antunes afirma como “capital pandêmico” uma maneira sintética de expressar essa articulação entre a vida e a morte no mundo contemporâneo.

À massa de trabalhadores e trabalhadoras evidenciados no olhar marxista de Antunes, flexibilizados ao nível da precarização laborativa e da insegurança jurídica, lidam com o limite da ameaça física provocada pela expansão viral da COVID-19 como lidam com sua condição de classe num contexto de crise do trabalho.

A classe trabalhadora, então, se encontra sob intenso fogo cruzado. Entre a condição famélica e a contaminação virótica, ambas empurrando para a mortalidade e a letalidade. Tal vilipêndio se acentua ininterruptamente pela autocracia de Bolsonaro e pela pragmática neoliberal primitiva e antissocial de Guedes. Assim, a confluência entre uma economia destruída, um universo societal destroçado e uma crise política inqualificável converte o Brasil em um forte candidato ao abismo humano (ANTUNES, 2020, p.19-20)

Atitude crítica semelhante é de Alysson Leandro Mascaro em *Crise e pandemia* (2020), uma vez que o autor procura salientar a necessidade de que uma análise propriamente científica da pandemia de COVID-19 seja capaz de refletir as estruturas e a dinâmica do modo de vida. Refletindo a nossa forma de sociabilidade à luz do caráter destrutivo das economias de mercado, Mascaro ressalta que são nas contradições arranjadas pelos imperativos do capital que emergem as condições de possibilidade para o aniquilamento da humanidade. E é nesta base marxista de interpretação que o autor argumenta o capitalismo não como um sistema (econômica, político e social) que atravessa crises, mas um sistema *de crise*. Num primeiro plano de análise, o autor busca enfatizar que o neoliberalismo expressa uma configuração de época no capitalismo para,

FIGUEIREDO, LERIANA; SILVA, SIMONE RAMOS DE QUEIROZ; OLIVEIRA, RAFAEL. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?** METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.



num segundo plano, sustentar que cada uma dessas formas de configuração sistêmica é transitória aos ciclos de crise e entre-crise do capitalismo.

Para explicitar seu argumento teórico, que envolve uma abordagem da noção de crise no capitalismo, Mascaro destaca como *os movimentos cíclicos de crise e entre-crise* no capitalismo constituem arranjos político-institucionais próprios às exigências de acumulação do capital – a saber, ora requerendo mecanismos e dispositivos estatais de regulação dos mercados, ora os dispensando. Sob esta assunção, o autor destaca como na presente época, transcorrida desde meados dos anos de 1980, a crise manifesta seu modo de ser sistêmico a partir da desconstrução das bases de regulação e proteção social que caracterizaram a configuração anterior – no caso, erigidas no binômio fordista-keynesiano. Para ele, as formações sociais nacionais pós-*welfare state* operam políticas de Estado que tornam patente os riscos civilizatórios da humanidade sob a agenda neoliberal. Exibindo em nível conceitual um compromisso teórico com a tradição de crítica consagrada pelo marxismo, as considerações que o autor dedica ao neoliberalismo servem para expor uma visão do modo de funcionamento comum ao capitalismo como *um sistema capaz de operar formas regressivas de proteção social às pessoas da mesma maneira que pode integrar iniciativas de natureza governamental pública e universal*. Basicamente, o cerne de seu argumento é que as formas econômicas capitalistas (valor, capital, propriedade privada etc) são historicamente plásticas, portanto, não requerem este ou aquele arranjo político-institucional porque, numa palavra, elas se impõem como estruturas de base à sociabilidade em qualquer um deles.

Na sua visão, fases de estabilidade, que consolidam um determinado padrão de acumulação capitalista, tendem a exibir sua arquetônica como ideal. No imaginário de seus contemporâneos, ficam naturalizadas como sólidas aos riscos de uma crise. No entanto, como assumido pelo autor desde sua abordagem marxista da economia e da política, tal fase se inscreve num contexto de instabilidade estrutural que inevitavelmente encontra seu esgotamento, exigindo nova configuração. O capitalismo do Pós-Guerra, por exemplo, consolidou-se como critério geral de direção societário. Do mesmo modo, findado seu tempo, eclodida sua crise, o que lhe substituiu aparece

FIGUEIREDO, LERIANA; SILVA, SIMONE RAMOS DE QUEIROZ; OLIVEIRA, RAFAEL. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?** METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

como “alternativa única”. Dos ciclos do sistema, que erigem tanto quanto tombam a arquitetura que lhes acompanham, tipos de Estado esvaecem e o capital remanesce<sup>3</sup>.

Àquilo que interessa ao presente texto, no que se refere ao objetivo de discutir de que modo a relação entre a ideia de crise no capitalismo ilumina a crise sanitária atual, para então destacar como esta conjuntura incide sobre as desigualdades de gênero, é particularmente rico os comentários que Mascaro segue sobre *a problemática do direito*:

A crise do capital em face do coronavírus acelera também a crise do direito: as ferramentas jurídicas neoliberais são rapidamente abandonadas em favor dos instrumentos jurídicos intervencionistas. Os mecanismos pós-fordistas de resolução de crise, menos disponíveis que aqueles do fordismo, revelam um descompasso estrutural e inexorável entre instituições, economia e sociabilidade, ao lado dos tantos outros compassos estruturais que permitem a reprodução do modo de produção. Ao mesmo tempo, tais compassos e descompassos se encontram com as próprias formas de subjetividade presentes. Modelos pós-fordista de produção e de acumulação constituem sujeitos sem maiores organicidades político-econômico-sociais - desconexão com partidos políticos e movimentos sociais de massa, ausência de representação sindical, locais de trabalho remoto e individualizados, interações mais virtuais que presenciais, subjetividades narcísicas e cínicas especificadas e ampliadas, orientadas pelo cálculo econômico da vida (2020, p.10)

Como não se tratar de abordar nosso objeto junto por meio de instrumentos marxistas de reflexão, consideramos que Antunes e Mascaro apresentam boas condições de observação e descrição com respeito ao modo como a ideia (marxista) de crise no capitalismo determina a vidas dos trabalhadores. Mais que isso, pensamos ser igualmente oportunos os *insights* que articulam para sugerir que esta ideia de crise é especialmente importante para argumentar que *a pandemia viral de COVID-19 manifesta por via sanitária a maneira pela qual está estruturada a realidade socioeconômica das pessoas no mundo contemporâneo*. Em outras palavras, segundo os autores, o surto pandêmico de coronavírus é uma espécie de metáfora do sistema capitalista: em última instância, segmentos massivos subalternizados da população estão expostos à falta de acesso daqueles recursos (financeiros e institucionais) capazes de

---

<sup>3</sup> Os ciclos (crise/entre-crise) do capital articulariam contradições à sua reprodução. Para o autor, o ciclo keynesiano-fordista ensejava um certo discurso e desenho institucional até seu esgotamento sistêmico ser correspondido por outro discurso e desenho institucional, a saber, neoliberal (MASCARO, 2013, p.122).

lhes assegurar a integridade e a dignidade de suas existências (em nível físico e em nível simbólico).

Entretanto, optaremos por seguir caminho distinto a partir deste momento do texto. Apesar de não podermos recorrer a considerações imediatas ao modo como os efeitos socioeconômicos do coronavírus, pensamos ser essencial à situação atual analisar o drama atual a partir de Wendy Brown. Mesmo que a autora não seja convocada neste texto como uma comentadora do amálgama de crise capitalismo/pandemia de COVID-19, a maneira como aborda o comportamento institucional de nossas democracias sob um pano de fundo histórico mais amplo traz elementos analíticos abrangentes. Ao nosso ver, o tratamento que dispensa ao marxismo para compor sua interpretação de mundo parece adequado à medida que a torna capaz de delinear como os fundamentos econômicos das economias de “livre mercado” e os alicerces políticos de nossas democracias representativas erodem o horizonte societário perseguido, inclusive constitucionalmente, por diferentes nações.

Em *Cidadania sacrificial: neoliberalismo, capitalismo e políticas de austeridade* (2016), Brown investiga como a agenda neoliberal constituiu um novo nível de rebaixamento à experiência social dos sujeitos ao convertê-los em figuras de uma narrativa pública economicista. Segundo a autora, “economizados” por esta gramática neoliberal, cidadãos portadores de direitos surgem à cultura política contemporânea na qualidade de agentes de mercado: empreendedor, investidor, consumidor, colaborador, cliente etc. Partindo da ideia de que o neoliberalismo constitui uma experiência pública e social fundada em preceitos políticos estranhos à ideia de democracia, a autora procura salientar como tais noções e categorias econômicas refundam as práticas dos sujeitos, todas agora unidimensionalizadas por uma racionalidade “empresarial”.

Para a autora, convém assinalar como a ascensão dessa racionalidade neoliberal não se limita às plataformas econômicas de governos dedicadas às políticas de ajuste e austeridade, mas constituem num nível fundamental a subjetividade histórica dos indivíduos. A seu ver, convertidos em “empresários de si mesmo”, a população assalariada de nossas sociedades contemporâneas percebe suas atividades econômicas de sobrevivência pessoal como se fossem corporações financeiras do final do século XIX, rivalizando econômica e politicamente com a figura do Estados-nação, requerendo

FIGUEIREDO, LERIANA; SILVA, SIMONE RAMOS DE QUEIROZ; OLIVEIRA, RAFAEL. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

seu desmonte para fazer regredir todo espaço público próprio às formas de intervenção estatal afim de ampliar os limites da ação do mercado.

Ressaltando o paradoxo de uma apologia à emancipação dos indivíduos a partir de uma concepção de mundo moldado por uma visão de mundo corporativa, Brown destaca como a experiência social de liberdade animada pelo discurso neoliberal enfraquece as pessoas. Demarcando uma distinção entre como o liberalismo clássico mobilizou uma ideia de liberdade para empoderar os indivíduos face aos poderes absolutos de dinastias monárquicas na Europa medieval e como a retórica neoliberal *esvazia* de poder político as pessoas diante dos poderes econômicos-corporativos no século XX, a autora passa a tecer considerações sobre como o neoliberalismo desagra a lógica de funcionamento dos Estados a partir de sua racionalidade. Nas suas palavras:

Ao emancipar os indivíduos de um tipo de regulamentação estatal e solidariedade social, o neoliberalismo os disponibiliza para serem interpelados e integrados a um conjunto diferente de imperativos e arranjos político-econômicos, ironicamente repetindo a “dupla liberdade” que Marx descreveu como essencial à proletarização, na transição do feudalismo para o capitalismo. Formalmente liberados da interferência legal em suas escolhas e decisões, os sujeitos permanecem, em todos os níveis, identificados e integrados aos imperativos e prédicas do capital. Assim, enquanto a cidadania neoliberal deixa o indivíduo livre para cuidar de si mesmo, ela também o compromete, discursivamente, com o bem-estar geral – demandando sua fidelidade e potencial sacrifício em nome da saúde nacional ou do crescimento econômico. Essa é a inversão paradoxal da liberdade neoliberal que o presente artigo pretende desvelar (2016, p.10)

Divergindo do tratamento academicamente difundidos sobre o significado do neoliberalismo à vida contemporânea, a autora destaca que ao não restringir o neoliberalismo a um programa de governança puramente mercadológica ou privatizada de riquezas nacionais (i) pretende fundamentar o argumento de que o cerne neoliberal é sua racionalidade individualizada, não-coletiva e antiestatal, (ii) mas também indicar que *o neoliberalismo não se confirma em cada contexto histórico e local como um conjunto de medidas exóticas para promover a racionalidade que o distingue*. Em outras palavras, a narrativa neoliberal transforma a experiência social dos indivíduos exatamente por ser capaz de encarnar em cada país e em cada sociedade afetos compossíveis ao seu próprio horizonte societário.

FIGUEIREDO, LERIANA; SILVA, Simone Ramos de Queiroz; OLIVEIRA, RAFAEL. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

O neoliberalismo enquanto política econômica, modalidade de governança e ordenamento racional é um fenômeno global e inconstante, diferenciado, não-sistemático e impuro. Ele se cruza na Suécia, por exemplo, com a legitimidade continuada do bem-estar social; na África do Sul, com a expectativa pós-Apartheid de um Estado democratizante e redistributivo; na China, com o Confucionismo e o pós-Maoísmo; nos Estados Unidos, com a estranha aliança entre um antiestatismo há muito estabelecido e o novo gerencialismo. Se ele aportou no sul global com “ajustes estruturais” externamente impostos nos anos 1980 (2016, p.15)

Incrementando de camadas o argumento de que o neoliberalismo deve ser encarado como uma lógica societária cujo conteúdo pode assumir diferentes formas políticas, Brown apresenta *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente* (2019). A seu ver, o surgimento de movimentos de extrema-direita nos centros desenvolvidos do planeta, francamente dedicados à desconstrução democrática dos arranjos institucionais daquelas sociedades, *devem ser refletidos como ataques à ideia moderna de sociedade*. Para a autora, o que chama de ascensão da política antidemocrática está enraizada nas origens culturais e ideológicas do neoliberalismo. Conforme sua argumentação, o neoliberalismo informa uma concepção de mundo não apenas mercadológica, mas moralista. E assim é que o neoliberalismo constitui um discurso político que não se limita às suas formas programáticas, pois elas, antes que tudo, refletem uma concepção de mundo fundamentalmente crítica à noção de vínculos sociais. Numa palavra, a sobreposição de categorias e noções mercadológicas e morais promovidas pelo neoliberalismo ensejam uma ética política estranha àqueles valores e princípios que desde 1789 servem aos mais antagônicos e dissonantes esforços de progresso e desenvolvimento histórico.

Articulando esta posição analítica sobre o neoliberalismo a partir da tríade democracia, igualdade e social (pela autora concebida como um legado moderno da história europeia), procura-se acentuar como a política antidemocrática conformada pela ideologia neoliberal se realiza à medida que reconfigura a questão social em termos de uma agenda de responsabilização moral. Ao discorrer brevemente acerca das ambivalências da ideia de democracia na história moderna e destacar como a noção de igualdade que a acompanha guarda limites, Brown busca argumentar que é sobre o

FIGUEIREDO, LERIANA; SILVA, SIMONE RAMOS DE QUEIROZ; OLIVEIRA, RAFAEL. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

social que o neoliberalismo informa sua prática política. E sobre esta chave que a autora pondera o que sugere ser um esforço de “desmantelamento da sociedade”.

Neste ponto de sua análise, Brown procura demonstrar como a Friedrich Hayek, manifestou não somente uma oposição radical às iniciativas políticas socialdemocratas e keynesianas, censurando-as política e economicamente, mas expressou uma profunda hostilidade à ideia de sociedade. Conforme interpreta a autora, os alicerces epistemológicos e ontológicos do pensamento político, econômico e filosófico hayekiano flagram na ideia de social uma espécie de “estratégia” de tirania e despotismo moderno, à medida que servem à afirmação da sociedade como o cerne genuíno da experiência política de democracia<sup>4</sup>. De acordo com Brown, a explícita agressividade de Hayek acerca da ideia de sociedade é informada pela compreensão de que *o progresso da vida humana decorre da emergência da centralidade da figura do indivíduo*<sup>5</sup>.

A digressão de Brown sobre Hayek para desenvolver sua concepção sobre o neoliberalismo nos parece o suficiente para iluminar a questão de gênero à atual divisão social do trabalho. Para conduzir o presente artigo às suas considerações finais, considera-se importantes os comentários da autora sobre como a *individação moralista contida na ética política neoliberal* degrada as democracias em razão do modo como o ressentimento (esta disposição afetiva de um sofrimento psíquico mal elaborado) ascende à condição de ideologia ou discurso público na vida contemporânea. Referida à experiência norte-americana atual, Brown extrai elementos do conceito de ressentimento para uma análise política do mundo do trabalho, por assim dizer, que resta daquilo que reconhecemos neste texto como “desemprego estrutural” (ANTUNES, 2010). Sinalizando como a degradação do espaço público e, em especial, a perda de legitimidade dos vínculos sociais, tornou a sociedade americana suscetível a um *ethos* medieval, a autora sugere que o rebaixamento das condições de vida da classe

---

<sup>4</sup> Em *O caminho da servidão* (HAYEK, 1987), o socialismo consiste num discurso político totalitário cujo resultado, invariavelmente, seria a gradual predominância de uma concepção de mundo baseada num conjunto de ideias perigosas à individualidade.

<sup>5</sup> Ao descrever o processo de dissolução dos vínculos de dominação pessoal e de autoridade política fundada na tradição medieval europeia, Hayek afirma é próprio ao desenvolvimento ou progresso social a destituição do poder da comunidade sobre o indivíduo (1987, p.41).

trabalhadora nos EUA tornou a racionalidade neoliberal afeita às narrativas de extrema-direita – particularmente misóginas, xenófobas e racistas.

A atenção a tais efeitos reconfigura o debate batido da esquerda a respeito da questão de saber se o populismo de direita nasce hoje do ressentimento de classe ou de outros tipos de ressentimento, se se trata da raiva dos que foram deixados para trás economicamente ou da raiva do masculinismo branco destronado. A neoliberalização da vida cotidiana - não meramente seus efeitos desiguais, mas também seu espírito implacavelmente desigualitário – combina ambos (...) Sofrimento, humilhação e ressentimento não sublimado tornam-se uma política permanente da vingança, do ataque àqueles culpados por destronar a masculinidade branca – feministas, multiculturalistas, globalistas, que tanto os destituem quando desdenham deles (2019, p.217-218)

Pensamos a importância do destaque na dimensão não-econômica e/ou não-política da ideologia neoliberal que Brown assinala para um exame da dominação de gênero porque, nesta sociedade, cujos fundamentos de liberdade e igualdade derivam de formas econômicas capitalistas, a desconstrução do antigo mundo do trabalho parece tornar impossível projetos de emancipação feminina. Não apenas em razão do horizonte civilizatório regressivo informado pelas economias nacionais e suas baixas taxas de crescimento, reforçadas pelo advento de uma emergência pandêmica viral que colapsa sistemas de saúde da mesma forma que desarranja as atividades econômicas, e sim porque vivermos um período em que a ideia futura de um horizonte civilizatório à nossa forma de vida social parece ter perdido sentido. Neste mundo sem futuro, todas as aspirações políticas encontram no passado imaginário um refúgio. À medida que a ideia de um projeto futuro de sociedade encontra-se subjetivamente barrada, formas regressivas de sociabilidade adensam o arcaico do presente.

A nação, a família, a propriedade e as tradições que reproduzem privilégios raciais e de gênero, feridas de morte pela desindustrialização, pela razão neoliberal, pela globalização, pelas tecnologias digitais e pelo niilismo são reduzidas a resquícios afetivos (2019, p.228)

### **Considerações Finais**

Neste artigo pretendemos esboçar um quadro de reflexão crítica interessado na conjuntura atual. Buscamos tornar as observações realizadas neste texto capazes de

FIGUEIREDO, LERIANA; SILVA, SIMONE RAMOS DE QUEIROZ; OLIVEIRA, RAFAEL. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

esclarecer aspectos da vida brasileira tomando-a como implícita aos comentários exibidos acerca da ideia marxista de crise, sobre o advento da pandemia de COVID-19 no ano de 2020 e, principalmente, no tratamento dispensado ao tema do neoliberalismo. Supondo termos elaborado uma amarração conceitual entre estes temas ao longo das páginas apresentadas, destacamos que não foi nosso objetivo exibir um tratamento conclusivo. Ao contrário, foi nossa intenção abrir possibilidades de interpretação partindo de diferentes contribuições teóricas a partir de importantes pesquisadores.

Os usos de Antunes, Mascaro e Brown ao longo do presente não presumem uma unidade temática entre eles, mas um espaço comum à reflexão sobre o mundo contemporâneo. Para nós, foram recursos para o esforço de refletir como os dramas e tensões sociais da vida social na atual conjuntura podem ser criticamente considerados. Neste aspecto, compartilhamos uma dificuldade – a nosso ver, inerente do esforço de pensamento crítico que buscamos: conceituar a centralidade do trabalho numa sociedade capitalista sem convertê-la num economicismo determinista incapaz de apreender a realidade em suas estruturas dinâmicas. Pensamos que a centralidade do trabalho permanece chave de análise importante para uma reflexão crítica da contemporaneidade, ainda que nos pareça cada vez mais difícil conjugar este ângulo de análise às clássicas bandeiras políticas da tradição de pensamento marxista que o consagrou no século XX.

### Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. São Paulo, Editora Cortez, 2010.  
\_\_\_\_\_. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado.** São Paulo, Boitempo, 2020.

BROWN, Wendy. **Cidadania sacrificial: neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade.** *Constellations*, Volume 23, No 1, 2016. Acesso em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-8675.12166>. Ver em: [https://static1.squarespace.com/static/565de1fle4b00ddf86b0c66c/t/5b87d6b16d2a73184e3572e5/1535628979543/PEQUENA+BIBLIOTECA+DE+ENSAIOS\\_WENDY+BROWN\\_CIDADANIA+SACRIFICIAL\\_ZAZIE+EDICOES\\_2018.pdf](https://static1.squarespace.com/static/565de1fle4b00ddf86b0c66c/t/5b87d6b16d2a73184e3572e5/1535628979543/PEQUENA+BIBLIOTECA+DE+ENSAIOS_WENDY+BROWN_CIDADANIA+SACRIFICIAL_ZAZIE+EDICOES_2018.pdf).

\_\_\_\_\_. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente.** São Paulo, Editora Filosófica Politeia, 2019.  
HAYEK, Friedrich. **O caminho da servidão.** Rio de Janeiro, Expressão & Cultura, 1987.

FIGUEIREDO, Leriana; SILVA, Simone Ramos de Queiroz; OLIVEIRA, Rafael. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?** METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.



FRANCHINI, B. S. **O que são as ondas do feminismo?** in: Revista QG Feminista. 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeed092dae3a>. Acesso em: 01/11/2020.

MASCARO, Alysson Leandro. **Crise e pandemia**. São Paulo, Boitempo, 2020.

\_\_\_\_\_. Estado e forma política. São Paulo, Boitempo, 2013.

POSTONE, Moishe: **Tempo, trabalho e dominação social**: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx. São Paulo, Boitempo, 2013.

FIGUEIREDO, LERIANA; SILVA, Simone Ramos de Queiroz; OLIVEIRA, RAFAEL. **Trabalho, pandemia, neoliberalismo: o que há de novo no mesmo de sempre?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 268-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.